



UNDERSTANDING THE NURSING TEAM ON THE EDUCATIONAL PROCESS OF A PSYCHIATRIC HOSPITAL

A COMPREENSÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM SOBRE OS PROCESSOS EDUCATIVOS DE UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO

LA COMPRENSIÓN DEL EQUIPO DE ENFERMERÍA EM EL PROCESO EDUCATIVO DE UN HOSPITAL PSIQUIÁTRICO

Marcela Pimenta Muniz¹, Claudia Mara de Melo Tavares²

ABSTRACT

Objective: The aim of this study was to analyze the understanding of the nursing staff on the educational processes experienced by her in a psychiatric hospital. **Method:** The methodological course was conducted in the light of Institutional Analysis, through participant observation and focus groups with nursing staff. CAAE 0130.0.258.000-10. **Results:** The focus group participants mentioned that there needs to be: the time available to participate in educational spaces, more institutional investment, co-responsibility in the formation of a multidisciplinary team of nursing professionals. Themed show that every aspect of education requires a particular device. **Conclusion:** The organization of educational activities for nursing staff in the psychiatric hospital study should be built by co-workers, people with psychological distress, family members and managers to search for processes of change in the care and responsible work. Need to consider strategies to overcome fear or resistance to change, without showing the increase in response. **Descriptors:** Psychiatric nursing, Mental health, Education continuing, Autoanalysis.

RESUMO

Objetivo: Analisar a compreensão da equipe de enfermagem sobre os processos educativos vivenciados por ela em um hospital psiquiátrico. **Método:** O percurso metodológico foi realizado à luz da Análise Institucional, através de grupo focal com a equipe de enfermagem e observação participante. CAAE 0130.0.258.000-10. **Resultados:** Os participantes do grupo focal mencionam que é necessário que haja: tempo disponível para participar dos espaços educativos, mais investimento institucional, co-responsabilização da equipe multidisciplinar na formação dos profissionais de enfermagem. Apontam que cada aspecto temático requer um determinado dispositivo educativo. **Conclusão:** A organização das ações educativas para a equipe de enfermagem no Hospital Psiquiátrico em estudo deve ser co-construída por trabalhadores, portadores de sofrimento psíquico, familiares e gestores para a busca de processos de mudança no cuidado e de trabalho responsáveis. Necessita-se ponderar estratégias que vençam o medo ou a resistência às mudanças, sem apresentar como resposta o recrudescimento. **Descritores:** Enfermagem psiquiátrica, Saúde mental, Educação continuada, Autoanálise.

RESUMEN

Objetivo: Analizar la comprensión del personal de enfermería en los procesos educativos por su experiencia en un hospital psiquiátrico. **Método:** El curso metodológico se llevó a cabo a la luz del análisis institucional, a través de la observación participante y grupos focales. CAAE 0130.0.258.000-10. **Resultados:** Los participantes del grupo mencionó que es necesario que haya: el tiempo disponible, la co-responsabilidad en la formación de un equipo multidisciplinario de profesionales de enfermería. Temáticas que muestran todos los aspectos de la educación requiere de un dispositivo en particular. **Conclusión:** La organización de actividades formativas para el personal de enfermería en el estudio de hospital psiquiátrico debe ser construido por los compañeros de trabajo, las personas con trastornos psicológicos, familiares y directivos en busca de los procesos de cambio en el cuidado y el trabajo responsable. Necesidad de considerar estrategias para superar el miedo o la resistencia al cambio, sin mostrar el aumento de la respuesta. **Descriptor:** Enfermería Psiquiátrica; Educación Continua; Salud Mental; Autoanálisis.

^{1,2} Instituição: Universidade Federal Fluminense/UFF . E-mails: marcelapimentamuniz@gmail.com, claumara@vr.microlink.com.br

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu a partir da inquietação das autoras referente aos processos educativos permanentes com a equipe de enfermagem, que tem se desenhado no contexto do hospital psiquiátrico.

A educação continuada em serviço, permanente ou treinamento, é um ponto crucial de qualidade da assistência de enfermagem psiquiátrica no contexto hospitalar, uma vez que o processo de atualização técnica-científica constante propicia ao profissional a reflexão sobre sua profissão, sua prática e suas metas; promove o seu desenvolvimento pessoal, elevando sua autoestima, permitindo-lhe experimentar gratificação, prazer e, ainda, independência e autonomia no seu desempenho profissional. Mediante a tais questões, torna-se capaz de estimular a motivação daqueles por ele assistidos para vivenciarem, também, essas experiências¹.

A Educação Permanente (EP) não é simplesmente uma atividade, mas uma postura onde se possibilita educação/modificação no serviço e pelo serviço, onde a palavra tenha uma circulação transversal e horizontal, com potência para subsidiar mudanças.

Valorizamos a temática das ações educativas para a equipe de enfermagem no contexto psicossocial. Isto porque entendemos que os processos educativos podem ser potentes na busca de um redirecionamento do trabalho da enfermagem em saúde mental no contexto da Reforma Psiquiátrica, inclusive dentro do hospital psiquiátrico (HP).

Não há como falar na Reforma, no cotidiano do hospital psiquiátrico, sem envolver a equipe de enfermagem, pois esta encontra-se lado a lado com o portador de sofrimento psíquico durante sua internação. A equipe de enfermagem precisa estar envolvida na reestruturação do cuidar em saúde mental. Sendo assim, R. pesq.: cuid. fundam. online 2012. abr./jun. 4(2):2883-97

compreendemos que os processos educativos podem viabilizar tal envolvimento.

Quanto à Reforma Psiquiátrica, trata-se de um processo histórico de formulação crítica e prática, que tem como objetivos e estratégias o questionamento e elaboração de propostas de transformação do modelo clássico e do paradigma da psiquiatria².

O estudo aborda a questão dos processos educativos para a equipe de enfermagem no hospital psiquiátrico com foco no cotidiano de tais processos.

O cotidiano da instituição é o lócus de investigação, lugar onde os elementos da demanda por processos educativos surgem da interação entre os sujeitos, e na sua relação com a oferta dos serviços, em face de um determinado projeto político institucional³.

O processo de vivenciar/experimentar o serviço de saúde mental no seu cotidiano nos fez refletir sobre a heterogeneidade desse espaço público. Neste campo de ação, o cuidado exige mudanças em suas práticas e saberes, e para tal, requer mobilização coletiva.

Esta pesquisa justificou-se devido à importância de se compreender os fatores que mediam a consolidação de um espaço de EP, a qual seja implicada com o compromisso social da profissão de enfermagem no hospital psiquiátrico. Por ser um direito adquirido e uma necessidade aguda da equipe de enfermagem no hospital psiquiátrico, os espaços de formação permanente devem se tornar instituídos, garantidos, apoiados em seu potencial instituinte para subsidiar mudanças.

Estar ciente dos resultados gerados pelos processos de trabalho hegemônicos é uma necessidade premente para que se tenha na saúde mental enfermeiros críticos, capazes de modificar a realidade e satisfeitos por compreenderem a quem vem e a quem serve sua prática. Isto é

extremamente valioso, ao passo que toma caráter de uma pesquisa claramente voltada para as diretrizes da saúde pública do Sistema Único de Saúde (SUS).

Para a assistência e o ensino de enfermagem, a contribuição pode vir a significar um amplo redirecionamento para a retomada de princípios e valores da Enfermagem, revisão, educação, atuação e avaliação dessa assistência e desse ensino.

Os usuários em saúde mental podem ser extremamente favorecidos, ao passo que se defende, a partir de processos educativos, um cuidado envolvido com a emancipação dos sujeitos, com práticas entregues às individualidades de cada encontro e à qualidade de um cuidar realizado coletivamente.

É de grande valor estudar os processos educativos presentes em um hospital psiquiátrico a partir dos instrumentos da AI, visto que permite o acesso a resultados ainda ocultos, a respostas até então silenciadas a respeito desta temática. Além disso, a AI viabiliza uma pesquisa que, inevitavelmente, ela própria irá provocar mudanças no cenário estudado e nos sujeitos envolvidos.

Essa visão leva a considerar uma proposta de cuidar em saúde mental diferenciada, tendo como foco a EP voltada para um cuidado realizado como prática social. Isto é, ressignifica-se, desta maneira, a atuação da enfermagem, que tem caminhado cada vez mais para o tecnicismo, o qual só interrompe a aproximação com o paciente e a execução das diretrizes das reformas sanitária e psiquiátrica.

O objetivo do estudo foi analisar a compreensão da equipe de enfermagem sobre os processos educativos vivenciados em serviço.

Os Processos Educativos sob a ótica da Educação Permanente para a equipe de Enfermagem no Hospital Psiquiátrico

O referencial de EP utilizado na presente

R. pesq.: cuid. fundam. online 2012. abr./jun. 4(2):2883-97

pesquisa foi de lógica descentralizadora, ascendente e transdisciplinar. Essa abordagem pode propiciar: a democratização institucional, da capacidade de ensino e de enfrentamento criativo e de melhorar permanentemente a qualidade do cuidado à saúde. Uma das maiores dos serviços de saúde⁴.

Deve ser discutida a possibilidade de se transformar o trabalho. Diversos impasses podem desencadear ações criativas, mudanças, melhorias, como uma espécie de efeito catalisador, através da EP. Entretanto, na maioria das situações a maneira como o trabalho é organizado e são definidas as tarefas criam uma verdadeira barreira a este processo. Os resultados obtidos não são reconhecidos, o sofrimento não é notado, a fala das pessoas não é estimulada, pelo contrário, é freqüentemente combatida.

Desta forma, em detrimento do uso de problemas de qualquer natureza no processo produtivo como fonte de inovações e progressos, os profissionais de enfermagem acabam por buscar ativamente se proteger e se defender, utilizando mecanismos de defesa.

Como solução para esta problemática, poder-se-ia transformar o sofrimento potencialmente patogênico em sofrimento criativo, através de um espaço de EP destinado a uma reestruturação produtiva. O uso da criatividade e a possibilidade de expressar uma marca pessoal também são fontes de prazer, orgulho e admiração pelo que se faz, aliando-se ao reconhecimento da chefia e dos colegas.

A EP tem a possibilidade de transmitir a chamada inteligência astuciosa, a qual é mobilizada frente a situações inéditas, ao imprevisto, frente a situações móveis e cambiantes; fundamentalmente enraizada no engajamento do corpo, poupa esforços e privilegia a habilidade em detrimento do emprego da força; é inventiva e criativa⁵.

O próprio MS defende como objetivo da EP a transformação das práticas profissionais e da própria organização do trabalho, “tomando como referência as necessidades de saúde das pessoas e das populações, da gestão setorial e do controle social em saúde”⁶.

Em 2007 o MS lança a Portaria N° 1.996, que dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, adequando-a às diretrizes operacionais e ao regulamento do Pacto pela Saúde. Esta Portaria determina que a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde deve considerar as especificidades regionais, a superação das desigualdades regionais, as necessidades de formação e desenvolvimento para o trabalho em saúde e a capacidade já instalada de oferta institucional de ações formais de educação na saúde⁷.

Apesar das referidas portarias representarem saberes instituídos acerca da EP, na prática a realidade da EP é que ela ainda está em vias de se instituir, isto é, apesar de seu potencial instituinte, ela ainda não está institucionalizada.

Assim, a instituição EP, que está em permanente mudança, tem movimentos instituídos e instituintes, em tensão, que podem contribuir para a prática de cuidado entre cidadãos.

O enfermeiro psiquiátrico deve assumir a responsabilidade da educação permanente da equipe de enfermagem, no intuito de produzir sujeitos mais qualificados para o atendimento ao usuário de saúde mental⁸.

O desprazer na rotina do enfermeiro atuante em saúde mental se relaciona com a realização de atividades desagradáveis que, muitas vezes, é realizada por imposição e obrigação, gerando sentimentos negativos, visto que o processo de trabalho torna-se repetitivo⁹. Assim, é de fundamental importância que tanto a

instituição como os enfermeiros estejam abertos a novas ideias, mantendo uma equipe de enfermagem integrada no hospital psiquiátrico, conscientizada em sua função e sem medo de novos desafios.

O conceito de educação permanente em saúde deve redimensionar a intercessão educação/atenção na saúde. Os espaços educativos devem ser uma construção, e não uma norma⁴.

METODOLOGIA

Este estudo teve uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória, com uso dos instrumentos da Análise Institucional (AI). Os dados foram produzidos através dos conceitos de autoanálise, auto-gestão, analisador, análise das implicações e tríade instituído-instituinte-institucionalização. Na AI a coleta e análise de dados ocorre de forma simultânea. A descrição da produção, coleta e análise dos dados foram feitas simultaneamente, considerando que uma alterou a outra (coleta e análise). Isto é, enquanto as pesquisadoras coletaram/produziram os dados, elas modificaram a realidade, e enquanto promoveram a análise, produziram dados novos a serem coletados.

Os propósitos da AI apóiam-se fundamentalmente nos processos de autogestão e auto-análise, o fazer consciente dentro do possível a cada ato do cotidiano e a busca constante dessa consciência com o objetivo de se ser produtivo e "vacinado" contra os abusos de poder, alienação, manipulação. Os conceitos de auto-análise e autogestão guardam íntima relação com os processos educativos, visto que enquanto os profissionais tem a oportunidade de refletir a respeito de seus desejos e angústias, torna-se mais ativo em sua prática social, em sua autogestão. A AI reconhece um inconsciente, isto é, instância que opera fortemente no

funcionamento da organização mas que não é revelado¹⁰.

Assim, AI é uma maneira estratégica de entender o que são as relações instituídas, bem como a forma de agir sobre elas, na luta pela libertação da palavra social dos grupos.

Etapas metodológicas

A primeira etapa da coleta/produção de dados foi uma observação participante às ações educativas para a equipe de enfermagem que tem ocorrido no hospital psiquiátrico estudado, através de um roteiro. Foi escolhida a observação do tipo participante porque uma das pesquisadoras faz parte do grupo educativo observado e, desta forma, foi possível a produção de dados mais aprofundada.

A observação participante foi realizada por uma das autoras deste artigo, que é um membro da equipe e trabalho no hospital. Durante um mês (setembro de 2010), totalizando 4 encontros do grupo educativo, a autora anotou suas impressões e depoimentos sobre a temática da pesquisa.

A observação participante é uma das técnicas muito utilizadas pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual fomos formados¹¹.

A segunda etapa foi realizada através de um grupo focal, dispositivo no qual se reuniu enfermeiros e técnicos em enfermagem que participam do grupo educativo durante uma mesma entrevista. Foram levantadas questões

abertas de forma a haver respostas verbais individuais e discussões potencializadoras entre os integrantes do grupo focal. Para tanto, admitiu-se como ponto de partida uma reflexão a respeito da própria atuação nas ações educativas desenvolvidas em serviço.

Entre as vantagens com o uso da técnica do grupo focal, está a possibilidade de intensificar o acesso a informações acerca de um fenômeno, seja pela intenção de gerar tantas ideias quanto possíveis ou pela averiguação de uma ideia em profundidade. Na medida em que diferentes olhares e diferentes ângulos de visões acerca de um fenômeno vão sendo colocados pelos sujeitos, desperta nos mesmos a elaboração de certas percepções que ainda se mantinham numa condição de latência.

Aspectos éticos

Este estudo foi submetido e aceito pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Hospital Universitário Antônio Pedro da UFF, pelo número CAAE 0130.0.258.000-10. A entrevista do grupo focal foi gravadas em MP3 e apagada após a transcrição da mesma. E ainda, a identidade dos entrevistados foi de total sigilo durante a análise e discussão dos dados obtidos, conforme preconiza a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Sujeitos do estudo

Os sujeitos da pesquisa para o grupo focal foram 03 enfermeiros diaristas e 02 técnicos em enfermagem de um hospital psiquiátrico - que aceitarem participar da pesquisa - envolvidos de alguma forma nas ações educativas deste hospital. Sendo que, durante a observação participante, além de enfermeiros e técnicos em enfermagem, também participavam do grupo 05 psicólogos e

05 estudantes de graduação em Enfermagem. Vale também destacar que na ocasião da observação participante, havia mais do que 03 enfermeiros e 02 técnicos em enfermagem, conforme esclarecido no sub-capítulo da observação participante.

Quanto ao grupo focal, foi feito o convite a 05 enfermeiros e 05 técnicos de enfermagem - mas nem todos participaram. Chegou-se ao número de 05 enfermeiros a serem convidados porque esta é a quantidade que trabalha em regime de diarista assistencial e que participa do grupo educativo com maior regularidade. O mesmo se deu aos técnicos em enfermagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Além de o fator cotidiano ter sido previamente elegido pelas pesquisadoras como um recorte neste estudo, durante a produção de dados em grupo focal a questão cotidiana apareceu de forma intensa no que se refere à educação permanente. Durante a observação participante das atividades educativas, observou-se que as questões trazidas para a reflexão são situações do dia-a-dia, do cotidiano das equipes de enfermagem no HP em estudo.

O foco no cotidiano se justifica por ser este o *locus* onde as experiências, relações e práticas acontecem de modo dinâmico. Santos (2006) afirma que o cotidiano representa o aspecto de um lugar que é compartilhado entre pessoas, grupos e instituições, numa relação dialética de conflito e cooperação, sendo essa a base da vida comum. Assim, estudar os atores e suas práticas educativas no dia a dia é fundamental, pois localiza aspectos objetivos e subjetivos que constroem a vida institucional.

Além de ser revelada na observação participante, a relação entre EP, dia a dia e

vivências desses profissionais foi também um dos aspectos marcantes na narrativa do grupo. As discussões, segundo esses profissionais, devem partir do cotidiano de trabalho deles. Trata-se de reflexões baseadas em situações reais, viabilizando uma mudança positiva no cuidado que eles oferecem aos pacientes. Assim, consideram que a EP irá instrumentalizá-los para a produção do cuidado ao portador de sofrimento psíquico.

A educação permanente parte do pressuposto da aprendizagem significativa. A mesma autora aponta que os processos de capacitação do pessoal da saúde devem ser estruturados a partir da problematização do processo de trabalho¹².

De fato, para que uma aprendizagem ocorra, ela deve ser significativa, o que exige que seja vista como a compreensão de significados, relacionando-se às experiências anteriores e vivências pessoais, permitindo a formulação de problemas de algum modo desafiantes que incentivem o aprendizado e contribuindo para a utilização do que é aprendido em diferentes situações¹³.

Falar em aprendizagem significativa é assumir que aprender possui um caráter dinâmico. Afeto e cognição, razão e emoção se compõem em uma perfeita interação para atualizar e reforçar, romper e ajustar, desejar ou repelir novas relações, novos significados na rede de conceitos de quem aprende¹⁴.

A aprendizagem significativa não combina com a ideia de conhecimento encadeado, linear, seriado - como é o que detectamos nas ações educativas para a equipe de enfermagem no HP em estudo, através da observação participante. Conceber o conhecimento organizado linearmente contribui para reforçar a ideia de pré-requisitos que acaba justificando fracassos e impedindo aprendizagens posteriores¹⁴.

Assim, o grupo focal apontou que a partir

de discussões baseadas em dificuldades e vivências reais, é possível adquirir mais experiência e conhecimento para a construção e instrumentalização para o trabalho.

Além de instrumentalizar para o trabalho, a equipe de enfermagem apontou que as ações educativas podem também gerar alívio, devido à oportunidade de dividir angústias do trabalho, com o aprofundamento a respeito de determinado assunto.

Observa-se que, ainda que o conteúdo discutido seja a respeito de um caso clínico, ele também irá tangenciar questões subjetivas desses profissionais. E quando circula a fala e a reflexão sobre o caso clínico de um determinado paciente, circulam-se também as angústias das equipes que lidam com aquele paciente. As ações educativas podem ser potentes não só para produzir conhecimento e aprendizagem, como também para que se discutam as angústias e dificuldades inerentes a cada profissional.

Portanto, é *sine qua non* a construção de um espaço onde a palavra seja dada aos profissionais de enfermagem em saúde mental para que se possa discutir seus desejos e projetos, bem como abordar a possibilidade de se transformar o trabalho. E a maneira real para que se construa este tipo de espaço em verdade é através da EP.

Deve ser discutida a possibilidade de se transformar o trabalho. Diversos impasses podem desencadear ações criativas, mudanças, melhorias, como uma espécie de efeito catalisador, através da EP. O uso da criatividade e a possibilidade de expressar uma marca pessoal também são fontes de prazer, orgulho e admiração pelo que se faz, aliando-se ao reconhecimento da chefia e dos colegas.

Outro aspecto que o grupo focal apontou como algo necessário para se fazer a EP está na relevância da continuidade. Relatam

que deve haver algo que não se perca, que esteja garantida essa continuidade. Vale considerar que, no que diz respeito a minha experiência como enfermeira desse hospital e participante das atividades educativas para a equipe de enfermagem, pude observar que em diversos momentos não estava garantida a continuidade dessas atividades.

Por exemplo, durante o período de férias dos estagiários não houve o grupo semanal de discussão da enfermagem. Isto confere ao grupo educativo um caráter mais acadêmico do que profissional propriamente dito, pois se as atividades profissionais continuam acontecendo normalmente durante o período de férias dos estagiários, então não seria motivo para suspender o grupo educativo neste período. Além disso, se o grupo educativo não tiver ao menos um de seus líderes disponíveis para participar em determinado dia, então o grupo não acontece nesse dia, o que dificulta a garantia da continuidade da ação educativa.

Isto parece estar relacionado ao fato desse grupo educativo ainda estar em vias de se instituir, por sua relevância e possibilidades ainda não possuir um lugar bem definido neste hospital, ainda não está instituído neste hospital.

Durante a observação participante e o grupo focal, evidenciou-se que as ações educativas para a equipe de enfermagem que acontecem no HPJ são constituídos espaços de troca de experiências, de dar e de receber conhecimentos. Os participantes do grupo focal relataram que quando estão no espaço educativo semanal da enfermagem, preocupam-se tanto em aprender como em transmitir algum conhecimento para os que ali estão. Referem que desejam transmitir suas experiências tanto para os outros profissionais quanto para os acadêmicos de enfermagem que também participam deste espaço

semanal. E consideram que o outro profissional e os acadêmicos também podem ensinar-lhes algo, ou ajudá-los a lidar com determinada dificuldade no trabalho.

Referem que pelo grupo ser heterogêneo - enfermeiro, técnicos de enfermagem, profissionais antigos, recém chegados e até acadêmicos - ocorre uma grande troca de experiências. O grupo focal destacou que cada participante da ação educativa poderá contribuir com a produção do conhecimento em grupo, a partir do lugar e da experiência que ocupa no HPJ.

O desprazer na rotina do enfermeiro psiquiátrico se relaciona com a realização de atividades desagradáveis que, muitas vezes, é realizada por imposição e obrigação, gerando sentimentos negativos, visto que o processo de trabalho torna-se repetitivo⁹.

Assim, é de fundamental importância que tanto o hospital como os enfermeiros psiquiátricos estejam abertos a novas ideias, mantendo uma equipe de enfermagem integrada, conscientizada em sua função e sem medo de novos desafios. É válido retratar que a Reforma Psiquiátrica é tida como uma estratégia inserida num processo permanente de transformação, superando a burocracia que permeia os novos projetos de desinstitucionalização. O enfermeiro que está inserido na nova política de saúde mental conhece a trajetória da psiquiatria e a importância da reforma, podendo ter maiores chances de realizar um trabalho de maior consciência no âmbito assistencial do que aqueles que são de certa forma alienados⁹.

Segundo os participantes do grupo focal, as ações educativas que tem ocorrido no HP em estudo para a equipe de enfermagem uma vez por semana são consideradas como espaço de aprendizagem e até mesmo de reconhecimento pelo trabalho.

De acordo com o grupo focal, o espaço

educativo semanal para a equipe de enfermagem dá visibilidade ao trabalho da enfermagem. Citam que algumas discussões feitas neste espaço foram estimuladas a serem realizadas também em outros espaços - multidisciplinares - de reflexão do HP. Isto é, na opinião dos participantes do grupo focal, compor os espaços multidisciplinares deve-se a certo mérito adquirido a partir da visibilidade gerada no espaço educativo semanal da enfermagem.

Estes elementos evidenciam como perspectivas para o grupo educativo: aprendizagem, reconhecimento, visibilidade, tornar o trabalho mais produtivo - os quais tem podido acontecer a partir de algumas ações educativas no HP em estudo.

Consideram que seja importante que as ações educativas para a equipe de enfermagem consigam também acessar aqueles profissionais mais resistentes, que tem dificuldade em aderir às novas formas de cuidar em saúde mental. Fazendo isso, este espaço educativo estaria defendendo a questão da Reforma Psiquiátrica em si.

Compreende-se, assim, que os participantes do grupo focal acreditam que as ações educativas tenham um potencial para subsidiar mudanças, isto é, um potencial instituinte capaz de modificar alguns saberes instituídos que resistem às mudanças advindas da Reforma Psiquiátrica.

O instituído é a instituição engessada, que nega o saber social. Ele resiste às mudanças. Já o instituinte, é um movimento de mudanças na instituição. Ou seja, o instituinte rompe o instituído em busca de uma subjetivação livre. Isto é fundamental, porque a realidade dos grupos não é homogênea, já que se trata de produção humana⁽¹⁵⁾. Neste contexto, nota-se a necessidade de movimentos instituintes constantes, abrindo linhas de fuga, operando-se práticas inovadoras.

O grupo considera ser enriquecedora a

variedade de pontos de vista dos participantes do espaço educativo, isto é, que o grupo continue sendo heterogêneo. Exemplificam que existe as falas tanto de acadêmicos, como de pessoas que estão ali há 20 anos, e isto gera uma reflexão mais aprofundada. Consideram que, para os profissionais recém-chegados, é gratificante e formador ver o entusiasmo com que falam os que estão ali há muitos anos, como os criadores do Centro de Convivências que, mesmo depois de 15 anos, ainda demonstram prazer pelo que fazem. Assim como o contato com pessoas menos experientes também proporciona aprendizado aos mais antigos.

Relatam que é importante que as ações educativas façam com que se sintam renovados, através de espaços para a fala e para a escuta.

É indispensável para que haja uma aprendizagem significativa, que os alunos se predisponham a aprender significativamente. Vem daí a necessidade de “despertarmos a sede”¹⁶.

De acordo com o grupo focal, um espaço educativo ideal para a enfermagem no contexto da saúde mental deve ocorrer com frequência maior do que uma vez na semana.

Sinalizam ainda que o fato do espaço educativo ser fixo às quartas-feiras, dificulta a participação das pessoas que trabalham no HPJ em outros dias da semana. Para muitos não é viável ir ao hospital para participar das ações educativas fora de seu dia de plantão, devido à dupla ou tripla jornada de trabalho. Segundo eles, se houvesse uma rotatividade nos dias, haveria possibilidade de oportunizar a participação de um maior número de pessoas.

A partir desses elementos, destaca-se o analisador frequência dos participantes. Através da observação participante e do grupo focal notou-se que o espaço educativo semanal costuma ter os mesmos participantes, pois fixo em um dia

da semana, favorece os que trabalham no HP neste dia e dificulta a participação de outros, que não estão trabalhando no HP no dia que acontece o grupo educativo.

Evidencia-se outro analisador: o dinheiro. Os participantes do grupo focal mencionam que o ponto de partida é o profissional querer participar. Mas, que para isso, precisa de tempo disponível para participar dos espaços educativos. Desta forma, considerando-se o analisador dinheiro, segundo o grupo, é necessário que o profissional de enfermagem não tenha outros empregos além do HPJ, que ele tenha um salário melhor para não precisar recorrer a outro local de trabalho e uma carga horária de trabalho menor para que ele se organize para estar nesses espaços educativos.

Apontam ser relevante a proximidade do local, isto é, que as ações educativas para a equipe de enfermagem aconteçam em locais próximos, ou de preferência, dentro do próprio hospital.

De acordo com os participantes do grupo focal, é necessário que haja mais investimentos institucional, pois trata-se de uma capacitação para que os funcionários melhorem o trabalho no próprio setor. Exemplificam que, por vezes, o tema a ser discutido no espaço educativo será importante, mas que nem sempre podem ser liberados para participar deste espaço, por não ter outra pessoa para fazer seu trabalho enquanto ele estiver fora do setor.

Vale destacar que a educação permanente requer investimentos, pois pode propiciar: a democratização institucional; o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, da capacidade de ensino e de enfrentamento criativo das situações de saúde; de trabalhar em equipes matriciais e de melhorar permanentemente a qualidade do cuidado à saúde, bem como constituir práticas técnicas críticas, éticas e

humanísticas⁴.

No entanto, um aspecto relevante a ser discutido é a implicação dos participantes nas ações educativas. Isto é, as equipes de enfermagem devem exercer seu compromisso social através do engajamento para a formação e a sustentação das ações educativas, ao invés de apenas receberem um espaço de formação pronto.

Se o grupo focal considera que deve haver mais investimento dos setores na formação da enfermagem, então a própria enfermagem precisa conquistar esse investimento, não esperar que outro forneça esse investimento. Um exemplo de escassez da participação dos profissionais de enfermagem na sustentação do grupo educativo se dá no fato de que, quando a coordenadora do grupo não pode estar presente, por vezes o grupo não ocorre. Isto é, há ainda pouco compromisso por parte dos próprios profissionais no que se refere ao engajamento no espaço de formação da enfermagem.

Um profissional comprometido com o social é aquele situado no seu tempo histórico e em relação aos determinantes culturais, políticos e econômicos, que condicionam seu modo de estar no mundo. Este sujeito poderá transformar, desejar e ousar a mudança. Somente estando-se situado, é possível sair do conformismo, reverter a lógica que sustenta o imobilismo; isto é, pode comprometer-se, ser um ser da práxis. Isto mostra que o compromisso social requer um sujeito capaz de construir um saber crítico sobre si mesmo, sobre seu mundo e sobre sua inserção nesse mundo¹⁷.

O grupo faz menção às reuniões multidisciplinares diárias de setor, onde são discutidos os projetos terapêuticos dos pacientes. Porém, geralmente, nessas reuniões há participação apenas de um enfermeiro e um técnico em enfermagem e, segundo eles, seria interessante que toda a equipe de enfermagem

pudesse participar dessas discussões diárias.

A educação permanente da equipe de enfermagem de saúde mental exige, “além de programas educacionais baseados em definição de competências específicas, processos educativos críticos que visem o desenvolvimento de conhecimentos de caráter interdisciplinar”^{12: 287}.

No entanto, apesar da relevância da interdisciplinaridade para uma formação em serviço, faz-se necessário, desde já, explicitar que esta pesquisa tem como prumo uma proposta de EP para a equipe de enfermagem, especificamente. Isto porque o hospital escolhido para a pesquisa oferece diversos espaços de formação para psicólogos e médicos, em detrimento do que é oferecido à equipe de enfermagem. Desta forma, em busca de diminuir este débito, a presente pesquisa pretende defender, principalmente, uma EP para a enfermagem psiquiátrica.

Em contrapartida, o grupo afirma ser possível realizar discussões diárias com a equipe de enfermagem, a respeito dos pacientes e do trabalho em si, se o restante da equipe multidisciplinar for co-responsável pela formação dos profissionais de enfermagem.

Ainda no tocante espaço educativo idealizado, apontam ser enriquecedora a proximidade do enfermeiro com os técnicos em enfermagem, para ouvir sua equipe, orientá-los, viabilizando mudanças, principalmente para lidar com as questões que não dizem respeito necessariamente a algum caso clínico.

Os profissionais relataram que não há uma receita de bolo para lidar com suas frustrações, com suas dificuldades pessoais no trabalho, com questões de escala, de perfil profissional, de desentendimento entre a equipe, de corporativismo ou questões burocráticas, administrativas e trabalhistas em geral. Referem

que, nesses casos, é necessária a proximidade entre enfermeiro e técnico, uma conversa no momento.

Essas questões, dependendo de cada situação, seriam, então, abordadas com cada pessoa individualmente ou nas reuniões da equipe de enfermagem que acontecem a cada um, dois ou três meses, e não no espaço educativo semanal da enfermagem. Isto é, essas questões devem ser abordadas com os próprios integrantes da equipe de enfermagem de cada setor, e não em equipe multidisciplinar e nem em conjunto com a equipe de enfermagem de outros setores. E então, após o momento de supervisão com o enfermeiro do setor, este deve transmitir ao coordenador da equipe multidisciplinar as dificuldades advindas do trabalho para a equipe de enfermagem, na busca de encontrar maneiras de solucionar ou intervir em tais dificuldades.

Citam que a única forma de abordar as questões outras - que não relacionadas aos pacientes - no espaço educativo, seria através de oficinas, e não por discussões abertas, pois pensam que, muitas vezes, trata-se de questões pessoais. Consideram que, talvez seja interessante dedicar um dia do espaço educativo semanal para falar das frustrações da equipe de enfermagem, mas que isso não deve aparecer difundido ou naturalizado em qualquer discussão. Referem que através de oficinas podem ser construídos mecanismos de lidar com estas outras dificuldades que não estão relacionadas apenas ao paciente.

É valioso considerar que, para os participantes do grupo focal, cada aspecto temático requer um determinado dispositivo, determinado formato. Por exemplo, as questões relacionadas à clínica do paciente podem ser abordadas em reuniões multidisciplinares. No entanto, os assuntos que envolvem as subjetividades dos profissionais ou até mesmo aspectos a respeito da rotina da equipe devem

ser tratadas em espaços exclusivos da enfermagem.

Apontam sobre a importância de haver um incentivo maior para a participação nas ações educativas. No entanto, não conseguem dizer como deveria ser esse incentivo.

As relações envolvidas numa perspectiva de aprendizagem significativa não se restringem aos métodos de ensino ou a processos de aprendizagem. Não é apenas uma pessoa transmitindo e outra aprendendo. Ensinar e aprender com significado implica em interação, disputa, aceitação, rejeição, caminhos diversos, percepção das diferenças, busca constante de todos os envolvidos na ação de conhecer. A aprendizagem significativa segue um caminho que não é linear, mas uma trama de relações cognitivas e afetivas, estabelecidas pelos diferentes atores que dela participam¹⁴.

No que concerne as temáticas a serem abordadas no espaço educativo idealizado, eles afirmam que devem ser como tem sido no HPJ. Isto é, devem emergir temas que abordem as dificuldades do dia a dia do trabalho da enfermagem no contexto psicossocial, do trabalho em equipe, da lida com o próprio paciente, e não apenas questões solucionadas. Deve ser abordada a maneira de lidar com cada um, de acordo com suas demandas, no trabalho em equipe.

Abordar as dificuldades do dia a dia torna-se viável através da aprendizagem significativa, que não combina com a idéia de conhecimento encadeado, linear, seriado - como é o que detectei nas ações educativas para a equipe de enfermagem no HPJ, através da observação participante. Essa forma de conceber o conhecimento pode organizar o ensino mas não a aprendizagem, que acaba se constituindo como um processo à parte, marginal a uma discussão engessada. Conceber o conhecimento organizado linearmente contribui para reforçar a idéia de pré-

requisitos que acaba justificando fracassos e impedindo aprendizagens posteriores¹⁴.

O grupo menciona o fato do espaço educativo semanal da enfermagem ter emergido da presença de acadêmicos e docentes da faculdade de enfermagem, e que, por isso, este espaço deve abordar temáticas que sejam de interesse acadêmico, que contribuam para a formação dos estudantes de enfermagem.

O grupo focal destacou que é necessário um espaço educativo que considere o profissional enquanto ser humano. Falam sobre a importância em serem ouvidos quando não estão se sentindo bem com algo no trabalho, ou em poderem servir de ponto de equilíbrio para outro profissional que, em algum momento, não está suportando a lida com a loucura.

A esse respeito, podemos voltar a falar em aprendizagem significativa, que é fruto da “permissão de ser”, mais que isso, é fruto da “sensação de ser”¹⁴. Falamos da maneira específica e natural de ser de cada um de nós, que se transforma na medida em que interagimos significativamente com o mundo e com os outros. Alguém que não tem “permissão de ser” não se habilita a aprender, pois não tem referenciais internos para alimentar a interação necessária com o objeto da aprendizagem. Os profissionais de enfermagem precisam sentir que podem ser o que são nos espaços educativos e que toda parte de si que não for muito conveniente será fruto de uma negociação respeitosa que levará a uma adaptação de comportamento que, por sua vez, será um ganho de habilidade relacional, um presente para ser melhor no mundo¹⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o grupo focal apontou a relevância da EP poder abordar questões que partem das práticas vivenciadas pelas equipes de enfermagem

em seu cotidiano, reforçou-se a aplicabilidade da proposta de aprendizagem significativa.

Além do fator cotidiano, os profissionais apontaram que compreendem que a EP demanda uma continuidade, uma não interrupção, o que guarda a importância da institucionalização das ações educativas, garantindo esta continuidade.

Revelou-se como um dificultador da continuidade o fato das ações educativas dependerem da liderança instituída. Assim, quando as ações educativas puderem ser autogeridas pelas equipes de enfermagem, passarão a ser garantidas não pela presença do líder, mas pelo desejo do profissional de enfermagem que executa o cuidado em si.

A pesquisa apontou ainda que, além de instrumentalizar para o trabalho, os profissionais entendem que a EP deve também aliviar as angústias dos que cuidam do indivíduo psicótico. Quando circula a fala e a reflexão sobre determinado caso clínico, muitas vezes circulam também as angústias das equipes que lidam com aquele indivíduo. Além disso, o estudo mostrou a relevância da troca de experiências, de expor e acolher as angústias referentes ao trabalho, a partir de práticas dialógicas, produtoras de subjetividade.

O analisador “frequência dos participantes” permitiu que a pesquisa contribuísse para apontar uma fragilidade do grupo educativo semanal que existe para a equipe de enfermagem no HP em estudo. Tal fragilidade diz respeito ao fato das ações educativas ainda alcançarem um restrito número de profissionais. Este analisador indica a necessidade da construção de estratégias para que a EP possa acessar um maior número de profissionais, em busca de, não apenas atualizar, mas principalmente de viabilizar a autoanálise e a autogestão das equipes de enfermagem, para que haja a constante reconstrução das formas de cuidar do portador de

sofrimento psíquico como prática social.

Considerou-se que para cada aspecto a ser abordado, é necessário que se tenha um dispositivo educativo de diferentes características. Apesar da importância da interdisciplinaridade nas ações educativas, ainda se faz necessário que a equipe de enfermagem tenha a garantia de um espaço onde não haja a participação de outras categorias profissionais que não as da enfermagem, pois determinados entraves só podem ser discutidos entre os próprios profissionais de enfermagem.

Para ampliar os sentidos do cuidado da enfermagem em saúde mental, que por vezes se reduzem às questões de higienização, alimentação, administração de medicamentos e de vigilância e controle dos internos, são necessários esforços coletivos, através da EP. É preciso que os elementos envolvidos nesta problemática sejam capazes de refletir sobre seu dia a dia, problematizá-lo e conseqüentemente, transformá-lo.

Nos dias de hoje, a discussão em torno da Reforma Psiquiátrica precisa ser revista de modo ampliado. A mudança não mais se contenta com a substituição do espaço manicomial pela rede de atenção psicossocial. A alteração do dispositivo assistencial, por si só, não garante a mudança efetiva no modelo de produção de cuidado. O alicerce da reforma - isto é, o resgate da cidadania e a revisão do processo de exclusão das pessoas portadoras de transtornos mentais - precisa ser perseguido através da EP em enfermagem, ainda que o cotidiano de trabalho se dê no hospital psiquiátrico.

Para além de extinguir os hospitais psiquiátricos, a Reforma propõem que exerçamos o cuidado com um novo modo de perceber e agir perante a loucura. Seja no hospital psiquiátrico, seja no território extra-muro, o cuidado de enfermagem no campo psicossocial visa não

apenas evitar o sofrimento, mas também criar espaços de tolerância e modos de acolhimento e convivência com aquilo que, na vida subjetiva, muitas vezes é da ordem do inevitavelmente doloroso.

A EP como busca da atenção centrada nos usuários não exclui a valorização e humanização das ações voltadas para os trabalhadores. A organização das ações educativas para a equipe de enfermagem no HP em estudo deve ser co-construída por trabalhadores, portadores de sofrimento psíquico, familiares e gestores para a busca de processos de mudança no cuidado e de trabalho responsáveis. Ao abordarmos o trabalho em saúde devemos ter em mente sua relação social, histórica e intersubjetiva.

A construção de objetivos que materializem as propostas das ações educativas, mais do que definir um conjunto de normas e ações a serem desenvolvidas, indicará um caminho a ser percorrido e, como tal, que deve ser pautado na construção de ferramentas conceituais e práticas; e de princípios orientadores que sejam compreendidos e discutidos com aqueles que efetivamente os transformam em processos de trabalho cotidiano - as equipes de enfermagem - com mudanças na forma de cuidar no campo psicossocial.

No campo relacional, é necessário pensar nos encontros, nas conversas, nas afetações, enfim. Necessita-se ponderar estratégias que vençam o medo ou a resistência às mudanças, sem apresentar como resposta o recrudescimento. Pensar as práticas cotidianas educativas como potência para ressignificar o cuidado é tentar encontrar pontos estratégicos de intervenção em prol da abertura a novos encontros e afecções.

Do mesmo modo, entendemos que o cenário de reconstrução de qualquer serviço de saúde se dá em um campo de disputas de projetos. Estas disputas precisam ser encaradas,

não como elementos bloqueadores do processo, mas como espaços para pactuações diversas, onde propostas e projetos, potentes para uma mudança efetiva, possam ser discutidos.

É necessário entender que as críticas aqui colocadas não servirão como elementos de desconstrução de tudo aquilo que já foi efetivamente conquistado. As questões apontadas poderão servir como elemento norteador para que os atores sociais envolvidos nos processos educativos da equipe de enfermagem no HP percebam que muito já foi percorrido e, assim, é hora de se fazer um balanço e um planejamento coletivo em cima dos novos objetivos a serem alcançados.

A EP em enfermagem deve ter como principal mote o desempenho de um cuidado como prática social, buscando abordar o portador através de disponibilidade interna, agenciamentos intra-equipe e extra-setor saúde, acompanhando esses portadores em seu dia a dia, isto é, na vida, respeitando-o em suas especificidades, em suas peculiares escolhas e apostando - ainda que provisoriamente - em vê-los usufruindo de um convívio social.

REFERÊNCIAS

1. Souza MGG, Cruz EMTN, Stefanelli MC. Educação Continuada e Enfermeiros de um Hospital Psiquiátrico. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):190-6.
2. Amarante P. Loucos pela Vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; 1995.
3. Pinheiro R. As práticas do cotidiano na relação oferta e demanda dos serviços de saúde: um campo de estudo e construção da integralidade. In: Pinheiro, R.; Mattos, R. A. (Org.). Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde. Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 2006. p. 67-113.
4. Ceccim RB. Educação Permanente em Saúde: descentralização e disseminação de capacidade pedagógica na saúde. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2005, vol.10, n.4, pp. 975-986. ISSN 1413-8123.
5. Dejours C. A loucura do trabalho. São Paulo: Cortez; 1992.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Políticas de educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente em saúde. Afirmada pela Resolução do CNS nº 335. Brasília: A Secretaria; 2003.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria N° 1.996. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília: A Secretaria; 2007.
8. Santos ACCF. Referencial de cuidar em Enfermagem Psiquiátrica. Esc Anna Nery Rev Enferm 2009 jan-mar; 13 (1): 51-55.
9. Saidel MGB, Toledo VP, Amaral GR, Duran ECM. O enfermeiro psiquiátrico numa instituição estatal: estudo exploratório descritivo. Revista Gaúcha de Enfermagem 2007;28(2):200-6.
10. Altoé S. organizadora. René Lourau - analista em tempo integral. São Paulo: Hucitec; 2004.
11. Queiroz DT, Vall J, Souza AMA, Vieira NFC. Observação participante na Pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.
12. Tavares CMM. A educação permanente da equipe de enfermagem para o cuidado nos serviços de saúde mental. Texto contexto - enferm. [online]. 2006, vol.15, n.2, pp. 287-295.
13. Sacristán JG, Pérez Gómez AI. Compreender e transformar o ensino. 4.ed. Porto Alegre: Artmed; 1998.
14. Moreira MA. Aprendizagem significativa.

Brasília: Editora Universidade de Brasília; 1999.

15. Lourau R. Institucional e Práticas de Pesquisa. Rio de Janeiro: NAPE/UERJ;1993.
16. Ausubel DP. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes; 1988.
17. Martín-Baró I. O Papel do Psicólogo. Estudos de Psicologia, 2, (1), 7-27; 1997.
18. Duarte N. Vigotsky e o aprender a aprender. São Paulo: Ed. Autores Associados;1999.

Recebido em: 29/11/2011

Aprovado em: 06/03/2012